

Aprovado em Reunião
da Junta de Freguesia

Realizada no
dia 18 de Dez de 2018

Por unanimidade



FREGUESIA DE FAFE
DE PAÇOS

Aprovado por unanimidade
28/12/2018

PROPOSTA Nº 6/XII/2018

Alteração da denominação da Freguesia: GRAFIA CORRETA É PAÇOS E NÃO PASSOS, Concelho de Fafe, Distrito de Braga

Exposição e Motivo

Desde há longos anos que se debate se a grafia desta freguesia se manifesta pela palavra “Passos” ou “Paços”. Há dicionários e corografias que se dividem entre as duas grafias.

Porém, a opinião dos especialistas na língua portuguesa, na filologia e na etimologia não têm dúvidas. A grafia correcta é “Paços”. (doc em anexo)

É essa a grafia que vem da História e designadamente das *Inquirições* do século XIII, insertas no *Portugaliae Monumenta Historica*, compilada pelo consagrado escritor e historiador Alexandre Herculano, no século XIX.

As *Inquirições* de 1220 e de 1258 referem claramente *Sancti Vicencii de Palacieis* e em 1290 surge a expressão *S. Vicente de Palacios*.

Até ao século XVI, a grafia era sempre com ç e não com ss, visto que *Paços* tem relação com *palácio*, do latim *palatium*, que se transformou no português *paço* e não *passo* (acto de andar, de mover um pé para andar). *Passo(s)* é forma errada de enquadrar historicamente este vocábulo, cuja etimologia não consente tal expressão.

Não restam assim dúvidas que a grafia correcta do topónimo da freguesia é *Paços*, já que o étimo da palavra é o vocábulo latino *palatium*. *Palatium*, no latim clássico; *palatium*, no latim popular; *paaço*, no português arcaico e *paço*, no português actual.

Assim, a evolução do vocábulo apresenta a linha seguinte: *palatium* > *palatium* > *paaço* > *paço*.

A documentação relativa à freguesia refere, ao longo da Idade Média, designações como *Paacios*, *Paaços*, *Pacios*, *Palaciis*, *Palatius* e *Palatio*, todas no sentido de *Paços*, plural de *paço* ou *palácio*.

Por isso, como refere um parecer da conceituada Sociedade de Língua Portuguesa, de 5 de Junho de 1984, “a grafia correcta é, pois, Paços”.

Ou como escrevia, pela mesma altura e na sequência de textos seus anteriores sobre a mesma temática, o distinto pároco da freguesia e homem de grande saber histórico e etimológico, Padre Arlindo Freitas, “Como se ortografa: Passos ou Paços?”, Explica-se categoricamente que tem que ser Paços. Passos é erro grave de ortografia.

PROPOSTA Nº 6/XII/2019

Julgamos assim não haver dúvidas quanto à grafia correta e historicamente sedimentada da freguesia de Paços, uma terra com história, havendo vestígios de construções megalíticas no seu território.

Em 1853, Paços abandonou o concelho de Guimarães, ingressando no de Fafe.

Em Paços impõe-se a centenária Casa e Quinta do Ermo, ligada à estreita amizade entre José Cardoso Vieira de Castro e Camilo Castelo Branco, amigos e confidentes ao longo de muitos anos. Da sua estada nesta casa e do convívio com José Cardoso, por 1860, quando andava fugido à justiça, acusado de adultério, fala Camilo em várias páginas das suas conhecidas *Memórias do Cárcere*. Também desta cumplicidade e como homenagem a Fafe, nasceram o romance *Mistérios de Fafe* e as peças de teatro *O Morgado de Fafe em Lisboa* e *O Morgado de Fafe Amoroso*.

Conta Pinho Leal que a casa foi fundada (talvez no século XVIII) por Rosendo Lopes, proprietário abastado e capitão de Malta, pai de três filhos ilustres que nasceram no Ermo: António Manuel Lopes Vieira de Castro (1796-1842), ministro de D. Maria I em 1836; José Lopes Vieira de Castro, militar valente e tenente de voluntários liberais, durante o cerco do Porto (1832-34) e Luiz Lopes Vieira de Castro, desembargador da relação do Porto.

Deste era filho primogénito o bacharel José Cardoso Vieira de Castro (1838-1872), deputado, tribuno, jornalista, escritor.

É talvez a glória maior desta freguesia de Paços!

A grafia Paços, é já usualmente utilizada por vários organismos públicos, incluindo da administração central, criando confusão muitas vezes o facto de no mesmo documento se encontrar a denominação escrita da freguesia das duas formas, daí a necessidade urgente de clarificação e alteração oficial.

Nesta conformidade, PROPONHO QUE:

PROPOSTA Nº 6/XII/2019

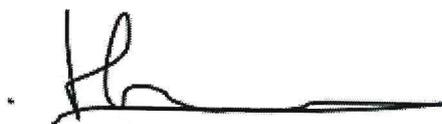
1 - A Junta de Freguesia DELIBERE aprovar a alteração da grafia da denominação da Freguesia para a grafia correta "PAÇOS", e que em caso de aprovação remeta ao órgão deliberativo - Assembleia de Freguesia -, para respetiva aprovação;

2 – Caso a proposta venha a merecer aprovação dos respetivos órgãos de Freguesia, a mesma seja remetido aos órgãos municipais para idêntica aprovação, nos termos do disposto na alínea j), do n.º2, do art.º 25º, do Anexo I, da Lei n.º 75/2013, de 12 de Setembro;

3 – Confirmando-se a aprovação dos órgãos da freguesia e municipais, que o assunto seja submetido à Assembleia da República, nos termos e para os efeitos previstos no n.º 4 do artigo 236º e alínea n) do artº. 164º da Constituição da República Portuguesa;

Anexo o Mencionado.

O Presidente da Junta de Freguesia

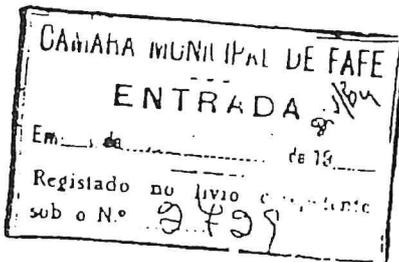


(Joaquim Barbosa)

SOCIEDADE DE LÍNGUA PORTUGUESA

Instituição de Utilidade Pública

Membro-Honorário da Ordem do Infante D. Henrique



Exm^o. Senhor
Dr. José Ribeiro
Câmara Municipal de Fafe

4820 FAFE

SUA REFERENCIA

SUA COMUNICAÇÃO DE

NOSSA REFERENCIA

LISBOA

157-B/RP

5-6-84

Exm^o. Senhor:

Respondemos à vossa carta de Abril p.p.

Não tem sido fácil descobrirmos se se deve escrever PASSOS, se Paços, porque as obras que consultámos não são unânimes, dá-se, até, o caso de a mesma obra mencionar as duas grafias.

Verificámos depois que, até ao século XVI, a grafia era sempre com ç e não com ss, como se compreende, visto que Paços tem relação com palácio, do latim palatium, que deu em português paço e não passo.

A grafia Paço alude, pois, ao edifício da Câmara, isto é, a um palácio (embora nem sempre o seja).

Depois passou a aparecer a grafia Passos por as pessoas se terem esquecido da origem, e permanecer mais fortemente a imagem mental passos, acto de mover um pé para andar.

A grafia correcta é, pois, Paços.

Subscrevemo-nos com os nossos cumprimentos.

Pela Comissão Técnica

At. J. R.
Câmara Fafe
Técnica
11.6.84
J. F.

(José Neves Henriques)

P.S.

Enviamos algumas propostas para o caso de haver nessa Câmara alguém que deseje inscrever-se como Sócio da S.L.P.

NH TS

2.º e 3.º Junhos

19.6.84
mili

Dr. José Ribeiro
Câmara Municipal de Braga

Ilmo. Senhor, As 14.º de Junho, com a finalidade de

Pelo Sr. Presidente da Junta de Freguesia e Paz, publico V. Ex.ª
resolva um ofício da Sociedade de
Língua Portuguesa - Instituição de
Utilidade Pública - cujo ofício
me foi entregue pelo mesmo Presi-
dente, e, pelo mesmo ofício ficou bem
esclarecido que Paços (freguesia)
é assim que se deve ortografar e
não Passos.

Para bem da Cultura, a qual V. Ex.ª é
o principal responsável, desejo di-
zer-lhe que nos documentos an-
tigos (Portugaliae Monumenta
Historica) - principal documen-
to em que Alexandre Herkulson,
o mais insigne Historiador de
Portugal tanto trabalhou
nas Inquirições mandadas exam-

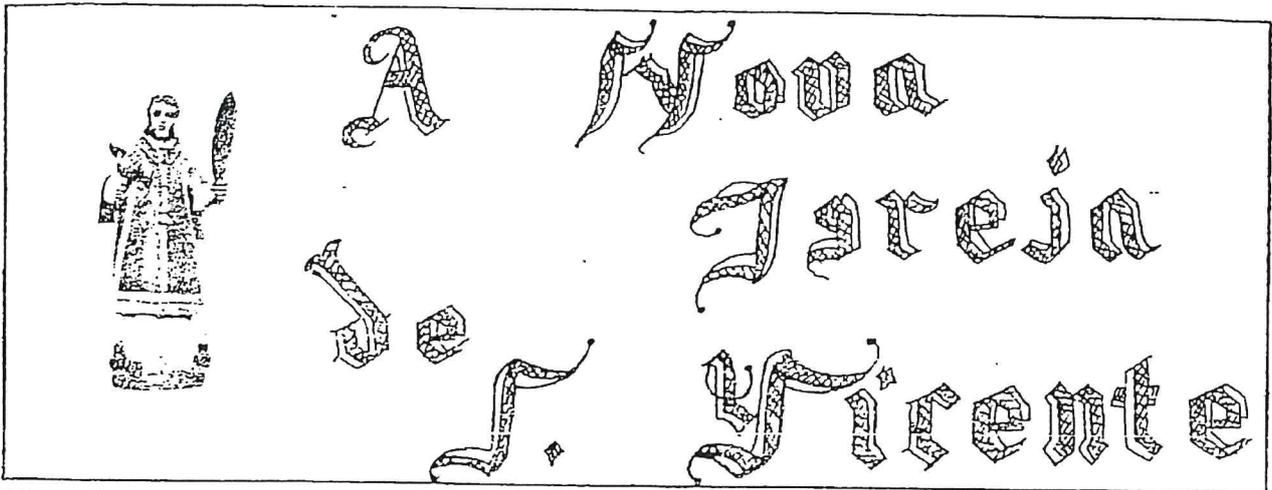
John 1^o (reis da 1^a Dinastia, nas
1220 - Sancti Vicentii de Palacios, nas
1258 - Sancti Vicentii de Palacios, nas
1290 - San Vicenti de Lestoso, é as-
sim que verificamos. Também apa-
rece - S. Vicente de Palacios.

D. Sr. José Neve, Henriques é quem se
coligou - Pela Comissão Técnica da
Associação de Língua Portuguesa -
no ofício que V. Ex.^a também preside
na Câmara Municipal de Oeiras.
O Sr. Presidente da Junta de Pro-
múcia de Paços há muito foi
alertado por este exiguo

Boletim Paroquial de Paços:
em 1967 e há dois anos, "Julho
de 1982, em novo artigo: "Como
se ortografa? Paços ou Paços?"
Explicou-se categoricamente que
tem que ser Paços. Paços é
erro grave de ortografia.

A Bem da Cultura.

Paços, 18 de Junho de 1984
P. António de Freitas



EDIÇÃO E PROPRIEDADE DA COMISSÃO FABRIQUEIRA-AGOSTO de 1967-N.º 5
BOLETIM PAROQUIAL DE PAÇOS — FAFE — Composto e impresso na Tip. «A TRADIÇÃO» — Fafe

Para o Ano da Fé Para a História

Em 29 de Junho, dia dos Apóstolos S. Pedro e S. Paulo, de 1967, 19.º Centenário do Martírio dos celebrados Apóstolos, Sua Santidade Paulo VI proclamou o Ano da Fé, a fim de se comemorarem condignamente estas colunas da Santa Igreja, dos maiores heróis da Fé cristã, que selaram e cimentaram com a púrpura do próprio sangue, visto terem dado a vida pelas verdades da fé que prêgaram. Vem, pois, a propósito dizer alguma coisa muito importante e necessária sobre a Fé: O que é o acto de fé teologal, o seu fundamento, a sua razão de ser. Há a fé humana e a fé divina. Por ora, interessa-nos a fé divina que tem por objecto e fundamento a autoridade de Deus revelador. A fé é racional, quer dizer, as verdades religiosas que o próprio Deus nos quis ensinar, embora superiores à capacidade da nossa inteligência, não se lhe opõem, mas admiravelmente se harmonizam. Em primeiro lugar temos os chamados preâmbulos da fé, os motivos de credibilidade e de credentidade.

O cristão deve saber que Deus falou, isto é, o facto da revelação. Se não soubermos com certeza que Deus ensinou a verdade, nem podemos nem devemos crer com fé divina. As razões ou motivos que temos para acreditar em Deus revelador e na religião cristã, são os milagres, as profecias, a admirável conservação e propagação da Igreja, apesar dos formidáveis e renhidos combates do Inferno, a heroicidade e constância dos mártires, etc., os quais não são, por si evidentes, mas são de tal natureza, que uma pessoa sensata pode chegar à certeza de que Deus falou e ensinou a religião cristã. É preciso também saber que Deus é infinitamente sábio e verdadeiro, isto é, que não pode enganar-se nem enganar-nos.

Em face deste duplo conhecimento, conclui-se que as verdades reveladas por Deus podem acreditar-se razoável e prudentemente. Se Deus sabe tudo e não pode enganar por ser sumamente verdadeiro, e ensinou verdades religiosas, qual o dever do homem, criatura de Deus? Evidentemente que é crer em Deus, e far-lhe-ia a maior injúria não acreditar no que Ele revelou. Contudo, porque o facto da revelação não é por si evidente, a inteligência humana há-de ser movida e determinada pela vontade, para crer firmemente o que Deus revelou. Por isso, o acto de fé é livre, isto é, depende da vontade livre, e é meritório. Quer dizer, o homem crê em Deus ou não, livremente, e tem de sacrificar o seu orgulho, para se submeter à sabedoria e veraci-

(Continua na 3.ª página)

Deve-se escrever Passos ou Paços?

Aqui há uns anos o boletim da Arquidiocese de Braga «Acção Católica» publicou um elenco de nomes de paróquias, indicando a ortografia menos enigmática, e, por isso, mais explicável e correcta de muitas freguesias da nossa Arquidiocese.

Entre elas lá estava a nossa. Dizia que se deve escrever Paços e não — Passos.

O Sr. Cônego Arlindo Ribeiro da Cunha explicava que Passos com dois ss, é de suposição inadmissível ou muito pouco provável, enquanto que Paços assim ortografado é de fácil justificação.

O etimo é o vocábulo latino: *palatium*.

As pessoas de mediana cultura sabem que a romanização da Península, isto é, do território que hoje compreende Portugal e Espanha, é um facto histórico incontestável e que a maioria das palavras da língua portuguesa provém do latim que os romanos por cá deixaram. Regra geral, os nomes e pronomes derivam do acusativo.

Há, pelo menos, dezasseis freguesias de Portugal continental conhecidas pelo nome de Paço e Paços, sem contar inúmeros lugares, e todas se escrevem com ç, como se pode ver no Anuário católico de Portugal de 1957.

Na passagem do latim para o português a lei mais geral que domina todas as mudanças fonéticas às quais preside outra ainda mais universal chamada lei do menor esforço, pode formular-se deste modo: todos os sons prétonicos e pós-tonicos tendem a enfraquecer e desaparecer como que dominados pela sílaba tônica.

(Continua na 3.ª página)

Nova modalidade

O mesmo objectivo

Desde 1961, algumas, infelizmente, não muitas famílias desta freguesia, têm contribuído generosamente para a construção da nova igreja de Paços.

Pois, são precisamente os que mais têm contribuído, mesmo humanamente falando, quem vive com a sua vida económica mais desafogada.

Era bom que deixassem de ilusões os que se prendem ao dinheiro e dizem: se me saís daqui...

Vamos, porém, ao assunto.

Em Janeiro do ano corrente o filho da terra P.e Agostinho com a anuência incondicional do Pároco lançou a campanha mensal do dia de trabalho para os homens e das duas tranças, para as mulheres.

Em geral, a ideia foi bem acolhida e tem surtido.

Mas é mister perseverar. Na fidelidade ao propósito concebido é que está o pleno êxito.

Parabéns, muitos parabéns aos cobradores e cobradoras!

Certamente interessa o andamento das cobranças:

Janeiro	Homens	2.656\$00
	Mulheres	1.290\$50
Fevereiro	Homens	1.496\$50
	Mulheres	965\$10
Março	Homens	1.607\$00
	Mulheres	951\$05
Abril	Homens	1.193\$50
	Mulheres	964\$70
Maio	Homens	971\$50
	Mulheres	871\$50
Junho	Homens	1.243\$00
	Mulheres	827\$00

Oh! Se todos fossem generosos conforme o plano inicial do P.e Agostinho, oferecendo os chefes de família, o salário correspondente ao dia de trabalho, por mês! Mas todos, é evidente...

E as patroas da sua casa, todas, é claro, as duas tranças, ou a sua importância em dinheiro, mensalmente?!
Aonde já iríamos!...

Ao fim do ano, economicamente não eram menos débeis.

(Continua na 4.ª página)

Para a História

DEVE-SE ESCREVER PASSOS OU PAÇOS?

(Continuação da 1.ª página)

Referindo-nos ao élimo supra, dizemos: O m final já havia caído no latim popular. O l intervocálico em geral caiu.

Palatium é do género neutro que desapareceu na mudança do latim para português. Os dois aa contraem-se num só. O l que entre vogais se lê s dá ç.

O neutro gramatical, porque não corresponde ao neutro lógico, leve que ser suprimido e em geral os nomes neutros latinos são masculinos em português. A terminação tium dá ço, porque o i desaparece e u transforma-se em o. Exemplo: servitium + serviço. Vitium + viço.

Resumindo: palatium, no latim clássico, palatium, no latim popular, paço, no português arcaico, e paço no português actual. Palatium + palatium + paço + paço.

Uma razão especial nos assiste, porque temos cá, na paróquia o lugar do Paço que tem esta ortografia e não deve ler outra e nós sabemos que muitas vezes o lugar dá o nome à freguesia.

E qual o motivo por que se chama Paços e não Paço à freguesia de S. Vicente?

Respondo: Pela mesma razão que se diz paços do Concelho e não paço do concelho. A Domus Municipalis, isto é, ao edifício da Câmara Municipal podia chamar-se-lhe Paço do concelho, como se diz paço do Arcebispo ou paço real, mas não.

Todos dizem: Paços do concelho. E' o chamado plural majestático.

Para o Ano da Fé

(Continuação da 1.ª página)

dade divina. O acto de fé é também meritório e sobrenatural. Explica-se: o homem submetendo-se a Deus revelador da religião católica, tem nisso merecimento, e há-de ser premiado pelo mesmo Deus; mas, não pode crer em Deus, sem a graça do próprio Deus que ilumina a mente e move a vontade e o coração, a fim de acreditar firmemente o que Deus lhe revelou.

Eis, em resumo, a teologia da Fé.

Cinquentenário das Aparições de Fátima

O Papa na Cova da Iria

Portugal viveu um dos maiores dias da sua vida mais que oito vezes centenária em 15 de Maio de 1967 na recepção imponentíssima ao maior e mais humilde peregrino de Fátima. A mais pequenina vidente de Nossa Senhora, a Jacinta, dizia:

Vem cá tanta gente e só não vem o Santo Padre, Mas passados 50 anos o Papa visita a Virgem Santíssima no Altar do Mundo, a fim de implorar o dom divino da Paz para a Santa Igreja, corpo místico de Jesus, e para o Mundo pecador e tão carecido de Paz.

A súplica fervorosíssima de Sua Santidade Paulo VI unida à de tantos milhares de peregrinos — cor unum et anima una — talvez na maior manifestação de fé de que há memória penetrou bem dentro do Coração Imaculado da Mãe de Deus, da Igreja e do Mundo, Parece que o sentimos.

Efectivamente, o actual Papa, o magnífico Peregrino da Paz de Cristo, à semelhança do Apóstolo das Gentes, de quem tomou o nome, leva a toda a parte o Evangelho da Paz, o ramo de Oliveira da Paz. Que a nossa intenção se identifique com a do Santo Padre, para obtermos tão assinalada graça do Senhor.

Andaimas com sorte!

Há muito que nos ballava no espírito a ideia: se as Senhoras da quinta da Igreja nos cedessem estas leiras, podíamos construir desafogadamente a nova Igreja! Se não...

Após algumas diligências fomos bem sucedidos. As Senhoras D. Emília e D. Ernestina V. Campos de Carvalho resolveram ceder gratuitamente, sob condições aceitáveis, as tais leiras.

Os nossos melhores agradecimentos, e humildes orações ao Senhor por tão generosa oferta. Toda a freguesia lhes deve estar muito grata. Muito obrigados.

**DOCUMENTOS PARA A HISTÓRIA DA FREGUESIA DE
S. VICENTE DE PASSOS (PAÇOS)**

Resultado do inventário no primeiro trimestre de 2019

Jesus Martinho

1220

De Sancto Vincentio.

Martinus Guterriz abbas, Menendus Guterriz, Gomecius (C. Gunsalvus) Martiniz, Gomecius Moniz, Martinus Johannis, Menendus Menendiz, Johannes Menendiz, Dom Dominicus, Nunus Laurentii, Gomecius Jhoannis, Fernandus Pelagiz, jurati dixerunt quod non habet ibi Regalengum, quia sunt forarii.

1258

«Hic incipit inquisitio Ecclesie Sancti Vincencii de Palaciis et omnium parochianorum ejusdem Ecclesie ipsius loci».

Documento datado de 23 de Maio de 1293 refere João Domingues, Reitor de S. Vicente de Paços.

«Articulados apresentados a 10 das calendas de junho da era de 1331 em Braga nos claustros da Sé, no lugar denominado Audiencia, a Sancho Pires, deão do Porto, a Mestre Domingos e D. Pedro Egas, arcediagos e vigários bracarenses, respeitantes á demanda entre Payo Raimundo, reitor de S. Salvador de Enfesta, e Payo Martins, reitor de S. Gens de Montelongo, que versava sobre herdades sitas na freguesia de S. Martinho de Val de Bouro, e o casal de Orelli em S. Tiago de Orelli, e herdades no lugar de Ruivães, freguesia de S. Gens.

*Foram procuradores do reitor de S. Gens o advogado de Braga, João Martins e o reitor da igreja de Cavez, João Lourenço, em virtude de procuração passada pelo tabelião de Braga. Affonso Paes, na qual foi testemunha, entre outros, **João Domingues, reitor de S. Vicente de Paços.***

A questão foi-se protelando com allegações de uma e outra parte em diversas audiências e ainda continuava a 24 de dezembro. D'aqui em deante ignoro os tramites e resultado da pendencia, por quanto o documento, apesar de conter cinco folhas de pergaminho cosidas pela parte superior, não está completo: falta uma ou mais folhas.

In "Catalogo dos Pergaminhos existentes no Archivo da Insigne e Real Collegiada de Guimarães.

"O Archeólogo Portugues" vol. X, 1905

1290

INQUIRIÇÕES GERAES DE D. DINIZ

Estas inquirições que versam principalmente sobre coutos e honras, começadas no ano de 1288, terminaram em data incerta; foram julgadas por sentença em 1290 e é este ano pelo qual costumam ser designadas.

Paços – S. Vicente de

Item freguesia de Sam vicente de Lestoso. Lestoso he prouado que soya hy entrar maiordomo penhorar polla voz e polla coyma e polos dereitos del Rey em tenpo del Rey dom affonso postomeiro e pero fernandez de paços que ho Soya defender por honrra e toda a villa he herdade de moesteiros e de lavradores saluo um casal que foy de domingos iohãs mouro.

Seia todo de uasso e entre hy o mordomo del Rey por todollos deus dereitos.

Item a quimtaam de pero fernandez que chamam paços e outra casa de pero Lourenço vençelho a cabo dellas há sete casaes de moesteiros e dous derdadores e trage todo pero ffernandez por honrra que nom entra hy o mordomo mais chega hy o porteiro de guimaarãaes mais nom dizem as testemunhas des que tenpo fez esta honrra nem per que Razom – Este como esta.

1301

Novamente, em 19 de Abril de 1301, o Reitor de S. Vicente de Paços, João Domingues, foi chamado a testemunhar:

«Doação vitalícia do usufruto do quarto de um casal sito em Paredes, feita por Orraca Mendes, dona de Paredes, a sua sobrinha Maria Fernandes.

Escrita em Ribeiros a 19 dias andados de abril da era de 1339 por Pedro Lourenço, tabelião na terra de Montelongo, sendo testemunhas, entre outros, João Domingues, reitor de S. Vicente de Paços, Fernão Domingues, reitor de Ribeiros, Domingos Annes, juiz de Moreira de Rei.»

In: "Catalogo dos Pergaminhos existentes no Archivo da Insigne e Real Collegiada de Guimarães.

20 de Outubro de 1352

*Contrato d'escambo feito entre o Cabido e Martim Martins de Lestoso e mulher Clara Dominguez, vizinhos de Guimarães, pelo qual estes receberam um casal junto a Lestoso, freguesia de **S. Vicente de Paços**, e aquelle metade do casal de Guilharmillo, sito nas freguesias de Polvoreira e de Santa Ouaya de Penteeiros, que fora de Domingos Simhom, pae de Clara Dominguez: ficando o Cabido obrigado a uma missa oficiada anualmente por dia de S. Martinho em honra de Santa Maria.*

Feito na Clasta de Santa Maria a 20 d'outubro da Era de 1390 pelo tabelião Francisco Vicente.

In: Catalogo dos Pergaminhos existentes no Archivo da Insigne e Real Collegiada de Guimarães.

1360 (4 de Janeiro)

«Emprazamento de casas na Rua de Santiago, feito pelo Cabido ao conego Domingos Tristam, com a renda de 3 maravidis. Depois de passados oito anos, para n'estes anos as poder adubar e este aduboiro lhe quitam estes anos.

*Feito em Guimarães a 4 de Janeiro da Era de 1398 pelo Tabelião Vaasco Affonso, sendo uma das testemunhas Gervas Eannes, Abbade de **S. Vicente de Paaços**».*

In: Catalogo dos Pergaminhos existentes no Archivo da Insigne e Real Collegiada de Guimarães.

1426

«Emprazamento, em tres vidas, da quintaã de Rial, freguesia de S. Vicente de Paaços, que soia de trazer Gil Lourenço, mercador, feito pelo Cabido a Jhoam Domingues, orivez, natural do Porto, morador em Guimarães, e mulher Vyolante de Freytas, com a renda de 3 maravidis da moeda antiga e um par de gallinhas.

Feito no Coro da Eigreja de Santa Maria a 27 de março do anno de 1426 pelo Tabelião Nicolao de Freytas».

In: Catalogo dos Pergaminhos existentes no Archivo da Insigne e Real Collegiada de Guimarães.

1451

«Emprazamento, em tres vidas, do casal de Bouçoo, freguesia de S. Romaaom daro~es, renunciado por Gonçalo Dominguez, morador no casal da Torre, da mesma freguesia, feito pelo Cabido a Gonçallo uaaasquez, neto do dito renunciador, morador na freguesia de S. Viçenço de Paaços, e a sua mulher (...) Annes, com a renda de 14 maravidis de moeda antiga e dous pares de gallinhas.

Feito na Igreja de Santa Maria a 27 de fevereiro do anno de 1451 pelo Tabelião Joham de Sousa.

In: Catalogo dos Pergaminhos existentes no Archivo da Insigne e Real Collegiada de Guimarães.

1527

O investigador A. Braamcamp Freire, na sua obra "Povoação de Entre Douro e Minho no XVI Século", publicada no "Arquivo Histórico Português, Lisboa, 1905, apresenta uma listagem de freguesias que, naquela data estavam integradas no Termo de Guimarães. Entre elas, "Sam Vicemte de Paços".

«Sam Pedro de Freitas – 48 moradores

Sam Pedro de Quymadella – 58 moradores

Sam Myguel do Monte – 43 moradores

Fareja – 45 moradores

Fellgueiras, he mea freguesia sam Vicemte – 7 moradores

Samta Ovaia de Goumtim – 18 moradores

Sam Gião de Cerafão – 76 moradores

Agrella – 11 moradores

Sam Romão d'Aroes – 22 moradores

Travaços – 51 moradores

Sam Vicemte de Paços – 58 moradores

Sam Crymente de Silvares – 33 moradores

Sam Martinho de Silvares – 36 moradores

Guullaes – 60 moradores

1692

O historiador, Padre Torquato Peixoto d’Azevedo, na sua obra “Memorias Resuscitadas da Antiga Guimarães”, escrita em 1692, e impressa no ano de 1845, faz referência à freguesia em foco no capítulo 42º, pág. 140. *“Em que se dá conta como S. Victor, Torquato, Silvestre Cucusato, e sua irmã Suzana, naturais, desta provincia, foram martirizados.”*

*«Estando os Gentios da Cidade (Braga) festejando o seu ídolo Sylvano, acertou de passar por junto do lugar da sua festa **um mancebo natural da freguesia de S. Vicente de Paços**, termo da Villa de Guimarães para a parte do nascente, o qual se chamava Victor (mártir), e foi convidado para hir oferecer uma capella de flores ao idolo, vendo elle que lhe tocavam na honra de seu Deus disse, que não hiria oferecer a um ídolo, que era imagem do demónio, que elle era christão, e só reconhecia por seu Deus e Senhor a Jesus Christo».*

1706

Na conhecida “Corografia Portuguesa”, publicada, pela primeira vez em 1706, o Padre António Carvalho da Costa, referindo-se ao Termo de Guimarães, descreveu as freguesias que hoje fazem parte do concelho de Fafe, que aqui transcrevemos:

«Santa Christina da Agrella – Vigairaria que apresenta o Reytor de Castellãos, de quem he anexa, tem quarenta visinhos.

S. Julião de Sarafaõ – Abbadia do Padroado Real, que rende trezentos & cincoenta mil reis, & paga cincoenta de pensão à Capella Real, tem cento & dez visinhos.

S. Bartholomeu de Villa Cova – Abbadia do mesmo Padroado Real, andou unida ao Arcediagado de Guimaraens, que inda conserva o titulo de Villa Cova, tem quarenta visinhos.

S. Pedro de Queimadella – Vigairaria, em que hoje reside o Reytor de Castellãos, sendo anexa, & lá o Vigario, tem noventa visinhos.

S. Miguel do Monte – Vigairaria anexa á Abbadia de S. Bartholomeu de Villa Cova, tem oitenta visinhos, & huma Ermida.

S. Vicente de Felgueyras – Vigairaria anexa á Commenda de S. Thomè de Travaços, tem dezaseis vizinhos.

Santa Eulalia de Gontim – Vigairaria anexa á Abbadia de S. Clemente de Basto, tem dezaseis vizinhos.

S. Vicente de Paços – *Abbadia da Mitra, rende trezentos & cincoenta mil reis, & quinze vizinhos.*

S. Pedro de Freitas – Vigairaria, que apresentã as Freyras dos Remedios de Braga, tem sessenta vizinhos. Foy Abbadia, que apresentava a Casa de Briteiros. Aqui está o Paço de Freitas, que foy julgado solar desta tão nobre família.

S. Thomé de Travaços – Reytoria da Mitra, & Commenda de Christo, tem sessenta vizinhos.

S. Lourenço de Gulaens – Vigairaria do Mosteiro de S. Tirso, por doação dos Infantes Dom Martinho Sanches, & Dona Urraca sua irmã, filhos ilegítimos delRey Dom Sancho o Primeiro, no anno do Senhor de 1253. tem oitenta & cinco vizinhos.

S. Romão de Aroens – foy do Padroado dos Freitas, instituido por Dom Gomez de Freitas no anno do Semhor de 1222. sendo Arcebispo de Braga Dom Sylvestre; he hoje Abbadia do Padroado Real, rende quatrocentos mil reis, & tem duzentos & vinte vizinhos.

Santa Christina de Aroens – foy tambem do Padroado dos Freitas, instituido pelo mesmo Dom Gomes de Freitas no mesmo anno, & no tempo do dito Arcebispo Dom Sylvestre; he hoje Abbadia do Padroado Real, rende cento & cincoenta mil reis, & tem sessenta & tres vizinhos.

S. Martinho de Fareja – Vigairaria in solidum dos Piores de Guimaraens, tem cincoenta vizinhos.

1747

O Padre Luiz Cardozo viu publicados dois volumes do seu “Dicionário Geografico”. Toda restante informação manuscrita ter-se-á perdido no Terramoto de 1755, em Lisboa.

No Tomo 1, encontramos referências de quatro lugares da freguesia, a saber:

«ABELHEIRA – Aldea da Provincia de Entre Douro e Minho, Arcebispado de Braga, Termo e Comarca de Guimarães, Freguesia de **S. Vicente de Passos**». (pág. 9).

«ADEGOYVA ou Adegoiva – Aldea na Provincia de Entre Douro e Minho, Arcebispado de Braga, Comarca e Termo da Villa de Guimarães, Freguesia de **S. Vicente de Passos**». (pág. 51)

«ANTADEGA, Antádega – Aldea na Provincia de Entre Douro e Minho, Arcebispado de Braga, Comarca e Termo de Guimarães, Freguesia de **S. Vicente de Passos**». (pág. 497)

«ASSENTO – Aldea na Provincia de Entre Douro e Minho, Arcebispado de Braga, Comarca e Termo da Villa de Guimarães, Freguesia de **S. Vicente de Passos**». (pág. 637).

No Tomo 2, de 1751, registámos outros três lugares:

«BAIRRO – Aldeia na Provincia de Entre Douro e Minho, Arcebispado de Braga, Comarca de Guimarães, Freguesia de **S. Vicente de Passos**» (pág. 10).

«COBIÇA – Aldea na Provincia de Entre Douro e Minho, Arcebispado de Braga, Comarca e Termo de Guimarães, Freguesias de **S. Vicente de Paços**». (pág. 657).

«CRASTO – Aldea na Provincia de Entre Douro e Minho, Arcebispado de Braga, Comarca e Termo de Guimarães, Freguesia de S. **Vicente de Paços**» (pág. 748).

Constactamos, neste registo de meados do século XVIII, que o autor, Luiz Cardozo, utilizou as duas designações: “Passos” e “Paços”. Teria ele, na época, alguma incerteza relativamente ao topónimo?

1768

No catálogo de todas as freguesias dos Reinos de Portugal, intitulado, “Portugal Sacro-Profano”, composto e ordenado por Paulo Dias de Niza, em Lisboa, 1768, o autor registou:

«**PACOS**, Freguesia no Arcebispado de Braga, tem por Orago S. Vicente Martyr, o paroco he Abbade da apresentação da Mitra, rende quatrocentos e trinta mil reis: dista de Lisboa sessenta leguas, e de Graga tres, tem cento e dezenove vizinhos».

SÃO VICENTE DE PAÇOS NO SEC. XIX

INQUÉRITO PAROQUIAL DE 1842

1º Situada na ladeira do Monte de Pogeiros, inclinado ao Nascente. Distante da vila de Guimarães légua e meia, e da cidade de Braga quatro léguas. Os terrenos que dela se avistam para a parte do Nascente, a Serra da Lameira, Marão e Gerês.

2º Clima: fria de Inverno e muito quente de Verão, com ventos Norte, Nascente e Sul, e algumas trovoadas em Abril e Maio juntos com pedra graúda, com muito estrago no vinho e milho.

3º Extensão, circunferência légua e meia, comprimento quarto e meio e outro tanto de largura.

4º Confronta com Travassos do Norte, do Nascente com Vinhós e Santa Comba, e do Sul com Golães e do Poente com Rendufe.

5º Vão explicados no mapa estatístico.

6º Vão explicados no mapa estatístico.

7º Animais quadrúpedes: bois, bestas, porcos, ovelhas, cães, gatos e raposas.

Aves, répteis, milhafres.

Peixes: trutas, escalos, bogas e heros.

Insectos: besouros, vespas, moscas e mosquitos.

Vermes, percevejos, pulgas e piolhos.

Vegetais: macieiras, pereiras, pessegueiros, ameixoeiras, serdeiras, castanheiros, oliveiras.

Flores, cravos de diversas qualidades, rosas brancas e vermelhas, singelas e dobradas.

Ervas: molar e castelhana, agarico, agriões, alfazema, alhos, arruda, azedas, barbasco, bardana, centáurea menor, cevada, chicória, cicuta, calcária, consolda menor, digital, dulcamara, fumária, funcho, hera terrestre, erva moura, cidreira, hisope, trevo, jarro, labaga, lírio,

losna, macela, malvas, marroios, mezereão, milefólio, mostarda, murta, nastruços, orégão, hortelã, urtigas, sabugo, salsa, salva [ilegível], tomilho, trifólio, taráxaco; entrando na classe dita: o milho com mais abundância, centeio, trigo, milho alvo e painço, feijão.

Alimentos usuais: milho, excede o sumo do terreno.

Vestuário, lã e linho; pesca e caça livres.

A pedra do terreno é de galho, não há minerais.

8º

9º

10º Há um rio que terá de largura 20 varas, chamado de Vizela e de profundidade, em partes, 3 varas; tem duas pontes, chamadas de Passos, feita de padieira; pinheirais, um monte de Pojeiros, baldio, e os matos necessários para a cultura, e de linhos toda necessária para uso de gente.

11º Rio o indicado supra, ribeiros o da Pontezinha, largura duas varas, levadas tem seis, comprimento um quarto de légua que tem o dito ribeiro, tem água vertente do Monte de Pojeiros.

12º

13º

14º Oficiais: sapateiros um, ferreiros dois, serralheiros dois, tendeiros um, carpinteiros quatro, merceeiros três, barbeiros dois, estanqueiros três, proprietários de bens de raiz 42, caseiros destes 24.

15º Os usos desta freguesia, digo, e costumes da população da freguesia são religiosos, não há nela romarias em que se junte povo estranho, nem usam de divertimentos que escandalize, a maior população dela é pobre, doenças que há são ordinárias tanto na gente como nos animais, o curativo é aquele que os médicos e cirurgiões aplicam; estatura, força e fisionomia conforme o signo em que nasce; duração da vida dos habitantes, nenhum deles chega a cem anos e todos eles tratam do seu modo de vida para a conservar.

16º Comprimento da igreja 35 varas e oito de largo; sua fundação ignora-se pela sua antiguidade, invocação de S. Vicente de Passos. Consta por tradição que existira no lugar de Cubiça, e depois crescendo a costa do monte do Assento aí a fundaram.

Por ficar no meio da freguesia, de cuja mudança se ignora o tempo em que foi feita, é de colação ordinária, no tempo dos dízimos renderia anual, quinhentos e sessenta mil réis, sua residência próxima

à igreja. Tem uma irmandade de Nossa Senhora do Rosário, que tem cinquenta e nove Irmãos, e tem estes um Jubileu no Sábado próximo ao Domingo primeiro de Junho, concedido por um bula apostólica; tem de fundo duzentos mil réis, tem cada Irmão que falece trinta missas e por vivos e defuntos anualmente dezasseis missas. Tem mais um aniversário de dez padres na véspera da festividade de cujas missas são também por vivos e defuntos. Todos os anos elege uma mesa gratuita para administração da mesma irmandade. Não há nesta freguesia sepulcros singulares, todos são comuns; compõe-se a mesma de quatro altares, um do Santíssimo Sacramento, outro de Nossa Senhora do Rosário, outro de S. Sebastião, e outro de Santo António, e confrontando os artigos da circular com esta freguesia, só respondemos aquelas circunstâncias que haviam, e por isso nada mais temos a dizer nem a informar.

S. Vicente de Passos digo, passa na verdade que sendo necessário juro in verbo sacerdotis.

S. Vicente de Passos, 7 de Maio de 1842

O abade Antonio Luiz da Cunha Vieira

S. Vicente de Passos

Guimarães — Inquérito paroquial de 1842

Revista de Guimarães, n.º 108, 1998, pp. 437-440

1875

O militar, e reconhecido historiador Augusto Soares d’Azevedo Barbosa de Pinho Leal, no seu monumental dicionário, “Portugal Antigo e Moderno”, publicado em 1875, no seu Vol. 6, pág. 393, apresenta a freguesia:

«**PAÇOS** – freguesia, Minho, comarca e concelho de Fafe, 18 Kilómetros ao N.E. de Braga, 360 ao Norte de Lisboa, 120 fogos.

Em 1757 tinha 79 fogos.

Orago, S. Vicente, martyr.

Arcebispado e districto administrativo de Braga.

A mitra apresentava o abbade, que tinha 430\$000 réis de rendimento.

É terra fértil. Muito gado.

N'esta freguesia está a casa do Ermo.

N'esta casa nasceram Antonio Manuel Lopes Vieira de Castro, ministro em 1836.

José Lopes Vieira de Castro, tenente de voluntarios liberaes, durante o cerco do Porto (1832 a 1834). Foi um militar valente. – Luiz Lopes Vieira de Castro, desembargador da relação do Porto. Era tambem liberal, e foi do batalhão academico durante a guerra civil, que terminou pela convenção d'Evora-Monte. D'este era filho primogenito, o bacharel José Cardozo Vieira de Castro, o infeliz mancebo de que fallo a pag. 132, col. 1ª e 2ª, do 3º volume.

Da casa do Ermo, foi fundador Rozendo Lopes, proprietário abastado e de uma respeitável família. Era capitão de Malta, o pae de Antonio, José e Luiz Lopes Vieira de Castro.

A freguesia tem sido há muitos anos parochiada por parentes consanguíneos d'esta família».

DISTRICTO ADMINISTRATIVO DE BRAGA.

Comarcas	Circuitos de Jurados	Julgados e Concelhos	Distritos de Juizes da Paz	Freguezias dos Julgados e Concelhos	Julgados, Concelhos, e Districtos de Paz e Districtos de Paz supprintidos
Barcellos.....	Barcellos.....	Barcellos.....	Os mesmos, ficando a Freguezia do Aren- tim annexada ao de Martin, que perde as duns desannexadas do Julgado.	As que já tinha, excepto as de Fradellos e annexa e a de Padim da Graça. Mansa de Arenim, desannexada do de Braga. As mesmas que tinha.	
Braga.....	Espozende.....	Espozende.....	Os mesmos, ficando a Freguezia de Padim da Graça pertencendo ao de Sequeira; o a de Fradellos e annexa ao de Ferreiros, que perde a de Arenim, perdendo tam- hem o de S. Mamede d'Esto as de So- brepоста e Pedralva.	As que tinha, excepto as de Arcutim, Pe- dralva, e Sobreposta. Mais as de Fradellos e annexa, e Padim da Graça—desannexadas do de Barcellos.	
Celorico de Basto	Cabeceiras de Basto	Prado.....	Os mesmos, sem a Freguezia de Freiriz.	As que tinha, excepto a de Freiriz.	
Fafe.....	Celorico de Basto...	Cabeceiras de Basto	Os mesmos, perdendo o de S. Nicoláo as duas Freguezias desannexadas do Julgado.	As que tinha, excepto as do Varzea Gova, e Aboim.	
	Celorico de Basto...	Celorico de Basto...	Os mesmos, perdendo os de Borba da Mon- tanha, e S. João d'Arnoia, as Freguezias desannexadas do Julgado.	As que tinha, excepto as de Ardegão, Sei- dões, S. Pedro de Aboim, e Rebordello.	
	Fafe.....	Fafe.....	Os mesmos, o mais o de S. Thomé de Tra- vassos: ficando pertencendo ao de Santa Eulalia de Fafe mais as Freguezias d'Ar- degão, Seidões, Freixa, Jogueiros; ao de S. Martinho de Moreira mais as Fregue- zias do Aboim, o Varzea Gova; e ao de S. Thomé de Travassos todas as restantes Freguezias de novo annexadas ao Julgado.	As que tinha—mais as de Agrelia..... Arões, S. Romão.. Arões, S. Christina Freitas..... Fareja..... Golães..... Travassos..... Saralão..... Villa Gova..... S. Vicente de Paços Varzea Gova..... Aboim..... Ardegão..... Seidões..... Jogueiros.....	Desannexadas do de Guimarães.
				Dito do de Cabecei- ras de Basto. Dito do de Celorico de Basto. D.º do de Felgueiras.	



NOTÍCIAS DE FAFE

SEMANARIO REGIONALISTA

AVENÇADO

Director e Editor interino
MENDES RIBEIRO

Proprietário
ARTUR ANTUNES

Redacção e Administração — R. António Cândido — Telefone, 49305 — FAFE | 8/ FEVEREIRO/1939
ANO III N.º 119

Composto e impresso na Tipografia «A TRADIÇÃO Lda»

Presidente Salazar

Ao fim de cinco meses menos um dia de internamento na Casa de Saúde da Cruz Vermelha Portuguesa, o Senhor Professor Doutor António de Oliveira Salazar, obteve alta e regressou à sua residência no Palácio de S. Bento:

Política Internacional e Política Externa Portuguesa

O colóquio sobre os problemas que o título acima pudesse sugerir para esclarecimento dos participantes e para cujas respostas o Ministro dos Negócios Estrangeiros, Dr. Alberto Franco Nogueira se colocou ao dispor da assembleia naquela noite da passada segunda-feira, na Biblioteca Pública de Braga, constituiu, para Braga e seu termo, um dos grandes acontecimentos que marcam esta era do «diálogo».

Perguntou quem quis e como entendeu, e tudo e todos foram prontamente esclarecidos, em verdade e sem escamoteações, com tão profundos conhecimentos e tal nobreza de sentimentos e de convicções, que a assembleia, constituída por elementos dos mais diversos graus de cultura e variados matizes de simpatias políticas, não retirou do Salão Medieval da Biblioteca Pública de Braga, sem deixar como prémio a Sua Ex.ª o Ministro dos Negócios Estrangeiros, uma extraordinária a clamação a exteriorizar um estado de alma.



Dr. Alberto Franco Nogueira
Ministro dos Negócios Estrangeiros

Fazem bem, estes colóquios, em que a liberdade deixa de ser um mito e os problemas nacionais «caixinha de conveniências» para exploração de incautos, mas uma aproximação do povo com os seus governantes, homens que não servem outra política que não seja a da verdade e dos interesses de Portugal.

A. A.

Cursos de Jornalismo

por J. G. MONTEIRO

POR iniciativa do Sindicato Nacional dos Jornalistas foi inaugurado em fins de Novembro do ano que passou o I Curso Nacional de Jornalismo em Portugal. Inscreveram-se cerca de duzentos profissionais e de trezentos amadores, números por demais evidentes do entusiasmo que despertou entre os amantes das letras e da imprensa.

Bem sabemos que, um curso de Jornalismo não cria jornalistas «como a Escola de Belas Artes não faz pintores, nem escultores e o Conservatório não faz nem músicos, nem actores. Nasce-se jornalista como se nasce pintor, escultor, músico, actor. Trata-se de uma vocação». Verdade incontroversa, que não aceita dúvidas nem admite

(Continua na 3.ª página)

«Fundação Salazar»

Está finalmente constituída a Comissão organizadora e administrativa da «Fundação Presidente Salazar», criada por sugestão do Sr. Contra-Almirante Americo Tomás com o fito de «proporcionar um lar decente aos que vivem em casas de lata».

Sua Ex.ª conferiu recentemente a respectiva posse aos srs. D. António Medeiros de Almeida, presidente; eng.º José Frederico Ulrich e drs. Jorge de Mello e Tito Arantes e arq.º Carlos Ramos, vogais.

O Chefe do Estado congratulou-se com os primeiros frutos da oportuníssima campanha ainda muito insuficientes, mas já prometedores, e acrescentou:

— *Compele aos ricos e aqueles a quem a situação criada por Salazar permitiu mais elevado grau de prosperidade corresponder ao apelo.*

Praza a Deus que «todos os homens ricos e de boa vontade» acorram quanto antes à chamada, em prol da solução de um problema da maior gravidade.

S. Vicente de Paços

Pelo P.º ARLINDO R. DA CUNHA

Estou a passar o fim do ano em S. Vicente de Paços, freguesia que os camilistas conhecem ao menos de nome. Passei duas vezes à Casa do Ermo onde o famoso Autor das Memórias do Cárcere esteve refugiado durante dias, e vi os alminhas da Cruz de Lestoso, agora desviadas do lugar primitivo para o meio da povoação do mesmo nome.

E' o lugar de Lestoso; grande e bem assalhado, exposto a Oriente ou Leste, donde lhe vem o nome. Atravessa-o um caminho aldeão por onde passou Camilo Castelo Branco há

cem anos, aproximadamente, e eu há bem menos tempo.

Quando de Lestoso me dirigia ao lugar do Assento, onde estou aboletado, entrei, quase sem pedir licença, nos quintais da Casa do Pombal, de aspecto mais ou menos brasileiro; e a imagem venerável de Santo António, a dominar o artístico frontão duma fonte monumental, com a cruz cimeira já derrubada, fez-me parar uns momentos a decifrar as inscrições, velhas de quase trezentos anos. Separadas uma da outra

(Continua na 3.ª página)

Dia da «Caritas»

9 DE FEVEREIRO

Por decisão do Venerado Episcopado Português, o dia 9 de Fevereiro é o «Dia da Caritas».

Em todas as Igrejas do país o ofertório realizado nos missas destina-se a auxiliar a «Caritas Portuguesa». Torna-se necessário que a «Caritas» seja um instrumento perfeito ao serviço da Comunidade. Além de serviço, terá que ser a via pela qual a Igreja manifesta perante o mundo e perante aqueles que sofrem o testemunho da sua caridade.

A «Caritas» está neste momento a estudar e a ensinar novos processos e novas técnicas sociais, orientadas no sentido de realizar uma promoção humana e social, como resposta actual da Igreja ao problema dos que precisam de auxílio e dos que sofrem.

A «Caritas» não pode realizar esta obra de promoção humana e social sem o auxílio de todo o Povo de Deus.

Infelizmente, em Portugal, até agora todos conhecem a «Caritas» para lhe

(Continua na 4.ª página)

A Tua Sombra

— Monsenhor Moreira das Neves

A tua sombra mística e serena
E' um refrigerio ideal que me regala,
Quando a sombra do mundo me condensa,
A tua sombra, Mãe, me absorve e embala.

A tempestade alula? A Dor estala?
A tua sombra é lindo véu que acena.
— Sombra que reza, que tem voz, que fala...
A sombra do teu vulto de açucena!

Sinto-a pairar, em forma de asa aberta,
Por sobre o pó da minha estrada incerta,
Amenizando as pedras e os abrolhos.

Beijo-a como quem beija o azul dos céus,
Amo-a como quem ama a luz de Deus
Infinita doçura dos meus olhos!

S. Vicente de Paços

Pelo P.^o ARLINDO R. DA CUNHA

Estou a passar o fim do ano em S. Vicente de Paços, freguesia que os camilistas conhecem ao menos de nome. Passei duas vezes à Casa do Ermo onde o famoso Autor das *Memórias do Cárcere* esteve refugiado durante dias, e vi as alminhas da Cruz de Lestoso, agora desviadas do lugar primitivo para o meio da povoação do mesmo nome.

E' o lugar de *Lestoso*, grande e bem assoalhado, exposto a Oriente ou *Leste*, donde lhe vem o nome. Atravessa-o um caminho aldeão por onde passou Camilo Castelo Branco há

cem anos, aproximadamente, e eu há bem menos tempo.

Quando de Lestoso me dirigia ao lugar do Assento, onde estou aboletado, entrei, quase sem pedir licença, nos quintais da Casa do Pombal, de aspecto mais ou menos abrasileirado; e a imagem venerável de Santo António, a dominar o artístico frontão duma fonte monumental, com a cruz cimeira já derrubada, fez-me parar uns momentos a decifrar as inscrições, velhas de quase trezentos anos. Separadas uma da outra

(Continua na 3.^o página)

Quinta da Cobíça

Lugar do Ermo
S. Vicente de Paços

VENDE-SE EM CONJUNTO
OU EM LOTES

Informa Ourivesaria Pérola

Telef. 49388

F A F E

Paços e Passos...

PASSEIO ESCOLAR

Efectuou-se no passado dia 30 de Maio, com saída da Ponte de Paços, um passeio convívio e cultural das crianças do ensino primário desta freguesia. Além das dezenas de crianças que tomaram lugar neste passeio, integraram-se também alguns seus familiares com o fim de facilitar o necessário controle e protecção das crianças às senhoras professoras que tiveram a louvável iniciativa desta realização.

Para além do muito que as crianças viram e conheceram, este passeio proporcionou às crianças um dia feliz e a possibilidade de apreciarem coisas que, a maioria, ou quase todos, nunca tinha conhecido tão de perto. Por exemplo foi-lhe possível assistir, no aeroporto de Pedras Rubras, a uma aterragem e uma descolagem dum avião. No Porto visitaram ainda o Palácio Cristal que muito os encantou e admirou. Pois lá viram com os seus próprios olhos animais que apenas conheciam pelas figuras dos seus livros. Houve ainda outras paragens de admiração e atracção em Vila do Conde e Póvoa de

Varzim para que o programa fosse completo e deixasse bons conhecimentos e recordações às crianças.

A viagem decorreu sem incidentes e no regresso, ao fim da tarde e ao local de partida, podemos depois verificar em todas as crianças o seu contentamento, alegria e felicidade, e os mais variados comentários da sua ingénua admiração.

Parabéns portanto às senhoras professoras pela feliz iniciativa e obrigado, também pelo carinho com que souberam distinguir as crianças das escolas desta freguesia. Parabéns também aos meninos e meninas e seus familiares pelo seu bom comportamento.

DOENTE

Por motivos de saúde, encontra-se internado no hospital da nossa vila, desde o dia 3, o sr. Armando Vieira, fogueteiro, casado com a sr.^a D. Florinda Barbosa Fernandes.

Ao estimado amigo e filho desta freguesia, desejamos as mais rápidas melhoras.

C.

Anterior exposição de motivos

Data do ano de 2006

PROPOSTA DE ALTERAÇÃO DA DENOMINAÇÃO DA FREGUESIA DE PASSOS, NO CONCELHO DE FAFE, DISTRITO DE BRAGA

Exposição de motivos

Passos é uma freguesia do concelho de Fafe, distrito de Braga.

A denominação actualmente em uso, no âmbito administrativo, não se coaduna com a evolução etimológica da palavra, nem com a história do respectivo nome.

Na verdade, e desde logo, a Sociedade de Língua Portuguesa, instituição de utilidade pública e autoridade na matéria, consultada sobre a forma correcta da grafia da freguesia "Passos" ou "Paços" – é peremptória ao defender que a grafia correcta é Paços.

Paços vem de palácio, proveniente do latim palatium. Segundo os linguistas, o *m* final já havia caído no latim popular e o *l* intervocálico em geral caiu. Deu-se, ainda, a contracção dos dois *aa* num só. Sendo do género neutro, palatium passou para masculino em português. A terminação *tium* dá, em português, *ço*, porque o *i* desaparece e o *u* transforma-se em *o* (como *servitium* dá serviço e *viliium* dá viço).

A evolução etimológica, em apreço, é assim: palatium > palatiu > paaço > paço.

Os estudiosos locais, sobretudo clérigos (que são quem melhor conhece e respeita a língua portuguesa...) e outros não têm qualquer dúvida em assumir que a grafia correcta do nome é Paços, e não Passos, que tem a ver com a existência de algum palácio na localidade, embora possa ter desaparecido com os anos. Outra eventualidade, é que o lugar de Paço, que existe na freguesia, e com a grafia correcta, tenha dado o nome à própria freguesia.

Os dados históricos confirmam a mesma tese, como se verifica a seguir.

Os mais antigos documentos que se conhecem sobre a freguesia grafam-na com designações como *Paacios*, *Paaços*, *Pacios*, *Palaciis*, *Palacios*, *Palatius* e *Palatio*.

Deixam-se alguns exemplos:

Nas Inquirições de 1220 aparece a designação *Sancti Vicencii de Palacieis*.

Nas Inquirições de 1258 – *Sancti Vicencii de Palaciis*.

Nas Inquirições de 1290 – *Sam Vicente de Palacios* (também designada *Sam Vicente de Léstoso*).

Nas Inquirições de 1320 – *Sancti Vicenci de Paaços*.

No *numeramento* joanino de 1528, fala-se em *Sam Vicente de Paços*.

Entretanto, na *Corografia Portuguesa*, do Padre Carvalho da Costa (1706), volta a grafia *S. Vicente de Paços*.

Nas Memórias Paroquiais de 1758, refere-se *Paços hé aldeia e parochia...*

Já no século XIX, Pinho Leal, no *Portugal Antigo e Moderno* (1875), grafa a designação *Paços* e José Augusto Vieira, no *Minho Pittoresco* (1886), repete *S. Vicente de Paços*.

Por aqui se verifica que a designação correcta e por via erudita sempre foi a de (S. Vicente de) Paços.

A moderna historiografia local sufraga a mesma tese, como se pode verificar na obra monográfica *Fafe – a Terra e a Memória*, de 1997.

No entanto, a via popular sobrepôs-se, sobretudo ao nível administrativo, e no século XX, elegendo a designação Passos, "por as pessoas se terem esquecido da origem, e permanecer mais fortemente a imagem mental *passos*,

acto de mover um pé a andar”, como sublinha a Sociedade de Língua Portuguesa.

Placas toponímicas, a descrição heráldica e documentação oficial continua a consagrar a grafia “Passos”.

Há, por conseguinte, movimentos mais recentes, mas estribados na pesquisa histórica, no sentido da versão Paços, enquanto o edifício administrativo prossegue a designação Passos.

A Junta de Freguesia pretende, contudo, reverter essa situação, de forma a proceder à uniformização da grafia, para que possa ser utilizada em todos os documentos oficiais, nas instituições e espaços públicos relacionados com a freguesia. E dados, os antecedentes que acima se relacionam, propomos a adopção universal da grafia *Paços* para designar a freguesia que actualmente se designa “Passos”.

Assim, propõe-se que esta Junta de Freguesia delibere:

- 1. Aprovar a proposta de alteração da designação “Passos” para Paços, atentos os antecedentes referenciados ao longo do presente texto.**
- 2. Remeter o assunto à Assembleia de Freguesia para a respectiva apreciação.**
- 3. Solicitar à Assembleia da República a respectiva aprovação, nos termos legais e constitucionais.**

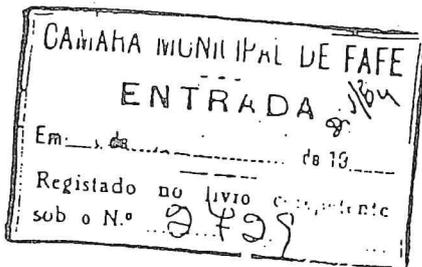
Anexos:

- Fotocópia do ofício nº 157-B/RP, de 5-6-84, da Sociedade de Língua Portuguesa;
- Fotocópia da carta do Reverendíssimo Padre Arlindo de Freitas, dirigida ao Vereador da Cultura da Câmara Municipal de Fafe, datada de 18 de Junho de 1984;
- Fotocópia do artigo “Deve-se escrever Passos ou Paços”, publicado no jornal *A Nova Igreja de S. Vicente*, nº 5, Agosto de 1967;
- Fotocópia da imagem da bandeira do “sagrado Coração de Jesus” com a designação: “*Venha a Nós o Vosso Reino – S. Vicente de Paços*”;
- Fotocópia da referência a Paços no numeramento joanino (1527), publicado na obra *Fafe: A Terra e a Memória*, de Artur Coimbra (1997, p. 52);
- Fotocópia da referência a paços na *Corografia Portuguesa*, do Padre Carvalho da Costa (1706), *ibidem*, p. 64;
- Fotocópia da referência a Paços nas Memórias Paroquiais (1758), publicada em *Fafe nas Memórias Paroquiais de 1758*, p. 181;
- Fotocópia da referência a Paços no Portugal Antigo e Moderno, de Pinho Leal (1875), vol. Sexto, p. 393;
- Fotocópia da referência a Paços no *Minho Pittoresco*, de José Augusto Vieira (1886), publicado na revista *Dom Fafes*, 5, Fafe, 1998, p. 92;
- Fotocópia da referência a Paços na obra *Fafe: A Terra e a Memória*, de Artur Coimbra (1997), pp. 74 e 422;

SOCIEDADE DE LÍNGUA PORTUGUESA

Instituição de Utilidade Pública

Membro-Honorário da Ordem do Infante D. Henrique



Exm^o. Senhor
Dr. José Ribeiro
Câmara Municipal de Fafe

4820 FAFE

SUA REFERÊNCIA

SUA COMUNICAÇÃO DE

NOSSA REFERÊNCIA

LISBOA

157-B/RP

5-8-84

Exm^o. Senhor:

Respondemos à vossa carta de Abril p.p.

Não tem sido fácil descobrirmos se se deve escrever Passos, se Paços, porque as obras que consultámos não são unânimes, dá-se, até, o caso de a mesma obra mencionar as duas grafias.

Verificámos depois que, até ao século XVI, a grafia era sempre com ç e não com ss, como se compreende, visto que Paços tem relação com palácio, do latim palatium, que deu em português paço e não passo.

A grafia Paço alude, pois, ao edifício da Câmara, isto é, a um palácio (embora nem sempre o seja).

Depois passou a aparecer a grafia Passos por as pessoas se terem esquecido da origem, e permanecer mais fortemente a imagem mental passos, acto de mover um pé para andar.

A grafia correcta é, pois, Paços.

Subscrevemo-nos com os nossos cumprimentos.

Pela Comissão Técnica

Al. J. L. L.
Câmara Fafe
11.6.84
J. F.
J. Neves Henriques

(José Neves Henriques)

P.S.

Enviamos algumas propostas para o caso de haver nessa Câmara alguém que deseje inscrever-se como Sócio da S.L.P.

M. J. L.

NH TS

Senhor Senhor

19.6.84
m

Senhor José Ribeiro

Câmara Municipal de Braga

Senhor Senhor,

As suas d.
Cartas para
apreciar e
atender

Pelo Sr. Presidente da Junta da
Freguesia de Paços, subscrito V. Ex.^a
reclama um ofício da Sociedade de
Língua Portuguesa - Instituição de
Utilidade Pública - cujo ofício
me foi entregue pelo mesmo Presi-
dente, e, pelo mesmo ofício ficou bem
esclarecido que Paços (freguesia)
é assim que se deve ortografar e
não Passos.

Para bem da Cultura, e que V. Ex.^a é
o principal responsável, deseja-se di-
zer-lhe que nos documentos an-
tigos (Portugaliae Monumenta
Historica) - principal documen-
to em que Alexandre Herkulson,
o mais insignificante Historiador de
Portugal tanto trabalhou -
nas Inquirições mandadas execu-

John 1^o Luis da 1^a Dinastia, nas
1220 - Sancti Vicentii de Palacios, nas
1258 - Sancti Vicentii de Palacios, nas
1290 - San Vicenti de Lestoso, e as-
sim que verificamos. Também apor-
ta - S. Vicente de Palacios.

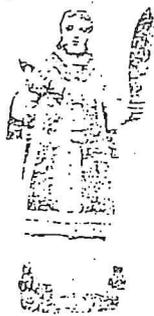
O Sr. José Nevy Henriquez é quem se
subscreeve - Pela Comissão Vicentina da
Associação de Língua Portuguesa -
no ofício que V. Ex. ocupa em
essa Câmara Municipal de São
Paulo.

O Sr. Presidente da Junta de
Vicentia de São Paulo há muito foi
alertado por este exiguo

Boletim Paroquial de São
Paulo em 1967 e há dois anos, julho
de 1982, em novos artigos: "Como
se ortografa? Passos ou Facos?"
Explicou-a categoricamente que
tem que ser: Facos. Passos é
erro grave de ortografia.

A Bem da Cultura

Facos, 18 de Junho de 1984
P. Adriano de Freitas



A Nova Igreja Virente

EDIÇÃO E PROPRIEDADE DA COMISSÃO FABRILQUEIRA-AGOSTO de 1967-N.º 5
BOLETIM PAROQUIAL DE PAÇOS — FAFE — Composto e impresso na Tip. «A TRADIÇÃO» — Fafe

Para o Ano da Fé Para a História

Em 29 de Junho, dia dos Apóstolos S. Pedro e S. Paulo, de 1967, 19.º Centenário do Martírio dos celebrados Apóstolos, Sua Santidade Paulo VI proclamou o Ano da Fé, a fim de se comemorarem condignamente estas colunas da Santa Igreja, dos maiores heróis da Fé cristã, que selaram e cimentaram com a púrpura do próprio sangue, visto terem dado a vida pelas verdades da fé que pregaram. Vem, pois, a propósito dizer alguma coisa muito importante e necessária sobre a Fé: O que é o acto de fé teológica, o seu fundamento, a sua razão de ser. Há a fé humana e a fé divina. Por ora, interessa-nos a fé divina que tem por objecto e fundamento a autoridade de Deus revelador. A fé é racional, quer dizer, as verdades religiosas que o próprio Deus nos quis ensinar, embora superiores à capacidade da nossa inteligência, não se lhe opõem, mas admiravelmente se harmonizam. Em primeiro lugar temos os chamados preâmbulos da fé, os motivos de credibilidade e de credentidade.

O cristão deve saber que Deus falou, isto é, o facto da revelação. Se não soubermos com certeza que Deus ensinou a verdade, nem podemos nem devemos crer com fé divina. As razões ou motivos que temos para acreditar em Deus revelador e na religião cristã, são os milagres, as profecias, a admirável conservação e propagação da Igreja, apesar dos formidáveis e renhidos combates do Inferno, a heroicidade e constância dos mártires, etc., os quais não são, por si evidentes, mas são de tal natureza, que uma pessoa sensata pode chegar à certeza de que Deus falou e ensinou a religião cristã. É preciso também saber que Deus é infinitamente sábio e verdadeiro, isto é, que não pode enganar-se nem enganar-nos.

Em face deste duplo conhecimento, conclui-se que as verdades reveladas por Deus podem acreditar-se razoável e prudentemente. Se Deus sabe tudo e não pode enganar por ser sumamente verdadeiro, e ensinou verdades religiosas, qual o dever do homem, criatura de Deus? Evidentemente que é crer em Deus, e far-lhe-ia a maior injúria não acreditar no que Ele revelou. Contudo, porque o facto da revelação não é por si evidente, a inteligência humana há-de ser movida e determinada pela vontade, para crer firmemente o que Deus revelou. Por isso, o acto de fé é livre, isto é, depende da vontade livre, e é meritório. Quer dizer, o homem crê em Deus ou não, livremente, e tem de sacrificar o seu orgulho, para se submeter à sabedoria e veraci-

(Continua na 3.ª página)

Deve-se escrever Passos ou Paços?

Aqui há uns anos o boletim da Arquidiocese de Braga «Acção Católica» publicou um elenco de nomes de paróquias, indicando a ortografia menos enigmática, e, por isso, mais explicável e correcta de muitas freguesias da nossa Arquidiocese.

Entre elas lá estava a nossa. Dizia que se deve escrever Paços e não — Passos.

O Sr. Cônego Arlindo Ribeiro da Cunha explicava que Passos com dois ss, é de suposição inadmissível ou muito pouco provável, enquanto que Paços assim ortografado é de fácil justificação.

O etimo é a palavra latina: *palatium*.

As pessoas de mediana cultura sabem que a romanização da Península, isto é, do território que hoje compreende Portugal e Espanha, e um facto histórico incontestável e que a maioria das palavras da língua portuguesa provém do latim que os romanos por cá deixaram. Regra geral, os nomes e pronomes derivam do acusativo.

Há, pelo menos, dezasseis freguesias de Portugal continental cujos nomes se chamam Paços e Paços, sem contar inúmeras lugares, e todas se escrevem com ç, como se pode ver no Anuário católico de Portugal de 1957.

Na passagem do latim para o português a lei mais geral que domina todas as mudanças fonéticas as quais preside outra ainda mais universal chamada lei do menor esforço, pode formular-se deste modo: todos os sons pretónicos e pósónicos tendem a enfraquecer e desaparecer como que dominados pela sílaba tónica.

(Continua na 3.ª página)

Nova modalidade

O mesmo objectivo

Desde 1961, algumas, infelizmente, não muitas famílias desta freguesia, têm contribuído generosamente para a construção da nova igreja de Paços.

Pois, são precisamente os que mais têm contribuído, mesmo humanamente falando, quem vive com a sua vida económica mais desafogada.

Era bom que deixassem de ilusões os que se prendem ao dinheiro e dizem: se me saís daqui...

Vamos, porém, ao assunto.

Em Janeiro do ano corrente o filho da terra P.e Agostinho com a anuência incondicional do Pároco lançou a campanha mensal do dia de trabalho para os homens e das duas tranças, para as mulheres.

Em geral, a ideia foi bem acolhida e tem surtido.

Mas é mister perseverar. Na fidelidade ao propósito concebido é que está o pleno êxito.

Parabéns, muitos parabéns aos cobradores e cobradoras!

Certamente interessa o andamento das cobranças:

Janeiro	Homens	2.656\$00
	Mulheres	1.290\$00
Fevereiro	Homens	1.496\$50
	Mulheres	965\$10
Março	Homens	1.607\$00
	Mulheres	951\$05
Abril	Homens	1.195\$50
	Mulheres	964\$70
Maio	Homens	971\$50
	Mulheres	871\$50
Junho	Homens	1.243\$00
	Mulheres	827\$00

(Oh! Se todos fossem generosos conforme o plano inicial do P.e Agostinho, oferecendo os chefes de família, o salário correspondente ao dia de trabalho, por mês! Mas todos, é evidente...

E as patroas da sua casa, todas, é claro, as duas tranças, ou a sua importância em dinheiro, mensalmente?!

Aonde já iríamos!...

Ao fim do ano, economicamente não eram menos débeis.

(Continua na 4.ª página)

Para a História

DEVE-SE ESCREVER PASSOS

OU PAÇOS?

(Continuação da 1.ª página)

Referindo-nos ao êtimo supra, dizemos: O m final já havia caído no latim popular. O l intervocálico em geral caiu.

Palatium é do género neutro que desapareceu na mudança do latim para português. Os dois aa contraem-se num só. O l que entre vogais se lê s dá ç.

O neutro gramatical, porque não corresponde ao neutro lógico, teve que ser suprimido e em geral os nomes neutros latinos são masculinos em português. A terminação tiúm dá ço, porque o i desaparece e u transforma-se em o. Exemplo: servitium → serviço. Vilium → viço.

Resumindo: palatium, no latim clássico, palatium, no latim popular, paço, no português arcaico, e paço no português actual. Palatium → palatium → paço → paço.

Uma razão especial nos assiste, porque temos cá, na paróquia o lugar do Paço que tem esta ortografia e não deve ter outra e nós sabemos que muitas vezes o lugar dá o nome à freguesia.

É qual o motivo por que se chama Paços e não Paço à freguesia de S. Vicente?

Respondo: Pela mesma razão que se diz paços do Concelho e não paço do concelho. A Domus Municipalis, isto é, ao edifício da Câmara Municipal podia chamar-se-lhe Paço do concelho, como se diz paço do Arcebispo ou paço real, mas não.

Todos dizem: Paços do concelho. É o chamado plural majestático.

Para o Ano da Fé

(Continuação da 1.ª página)

dade divina. O acto de fé é também meritório e sobrenatural. Explica-se: o homem submetendo-se a Deus revelador da religião católica, tem nisso merecimento, e há-de ser premiado pelo mesmo Deus; mas, não pode crer em Deus, sem a graça do próprio Deus que ilumina a mente e move a vontade e o coração, a fim de acreditar firmemente o que Deus lhe revelou.

Eis, em resumo, a teologia da Fé.

Cinquentenário

das Aparições de Fátima

O Papa na Cova da Iria

Portugal viveu um dos maiores dias da sua vida mais que oito vezes centenária em 13 de Maio de 1967 na recepção imponentíssima ao maior e mais humilde peregrino de Fátima. A mais pequenina vidente de Nossa Senhora, a Jacinta, dizia:

Vem cá tanta gente e só não vem o Santo Padre, Mas passados 50 anos o Papa visita a Virgem Santíssima no Altar do Mundo, a fim de implorar o dom divino da Paz para a Santa Igreja, corpo místico de Jesus, e para o Mundo pecador e tão carecido de Paz.

A súplica fervorosíssima de Sua Santidade Paulo VI unida à de tantos milhares de peregrinos — cor unum et anima una — talvez na maior manifestação de fé de que há memória penetrou bem dentro do Coração Imaculado da Mãe de Deus, da Igreja e do Mundo, Parece que o sentimentos.

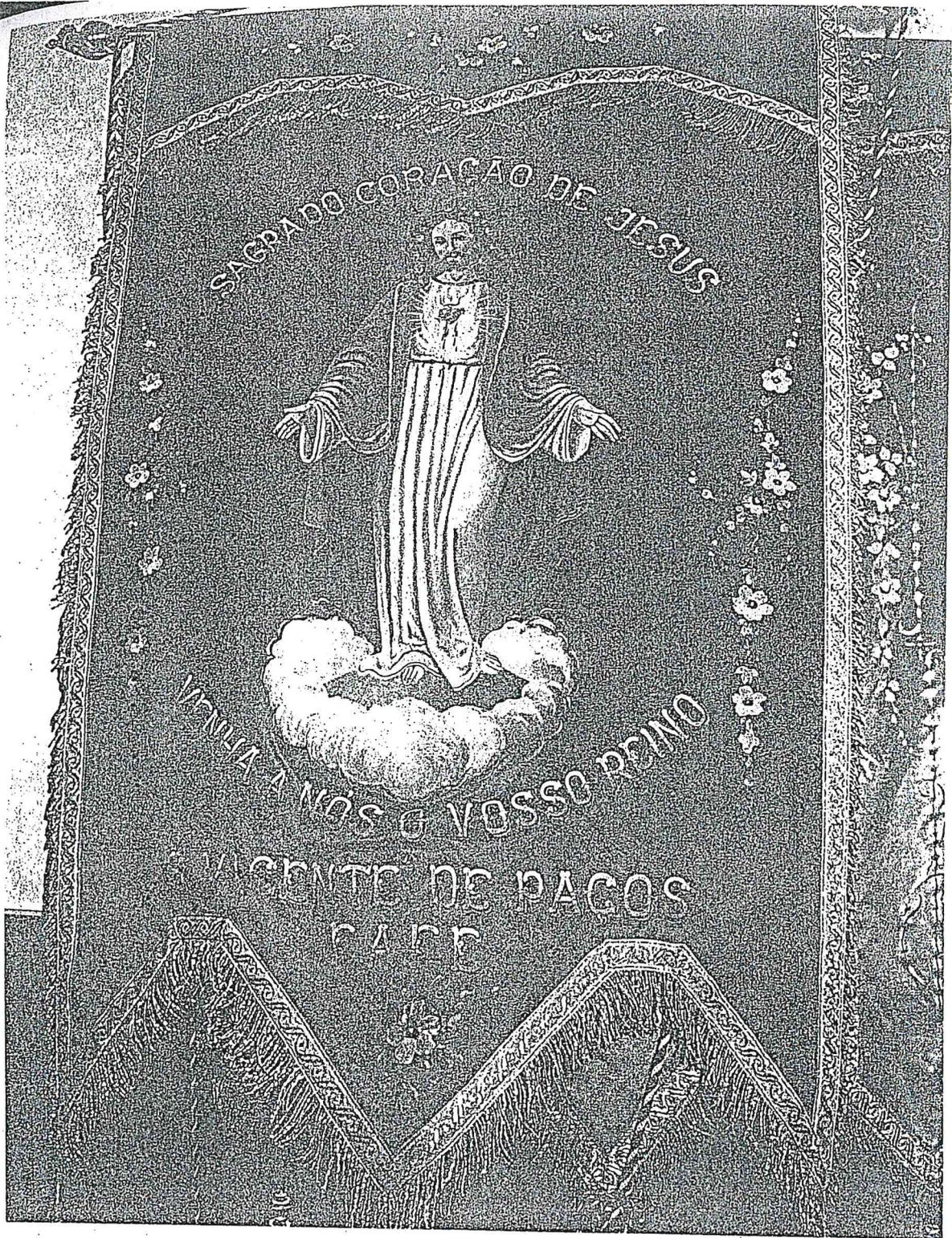
Efectivamente, o actual Papa, o magnífico Peregrino da Paz de Cristo, à semelhança do Apóstolo das Gentes, de quem tomou o nome, leva a toda a parte o Evangelho da Paz, o ramo de Oliveira da Paz. Que a nossa intenção se identifique com a do Santo Padre, para obtermos tão assinalada graça do Senhor.

Andamos com sorte!

Há muito que nos ballava no espírito a ideia: se as Senhoras da quinta da Igreja nos cedessem estas leiras, podíamos construir desafogadamente a nova Igreja! Se não...

Após algumas diligências fomos bem sucedidos. As Senhoras D. Emilia e D. Ernestina V. Campos de Carvalho resolveram ceder gratuitamente, sob condições aceitáveis, as taís leiras.

Os nossos melhores agradecimentos, e humildes orações ao Senhor por tão generosa oferta. Toda a freguesia lhes deve estar muito grata. Muito obrigados.



«moradores», o que daria cerca de 256 habitantes. Mais povoada era a freguesia de S. Gens; com 332 habitantes. O couto de Moreira de Rei era a povoação mais habitada, com cerca de 380 pessoas.

O número de freguesias do concelho de Monte Longo era assim de quinze, incluindo dois coutos, com as suas prerrogativas próprias. Hoje no mesmo espaço territorial, as freguesias são apenas treze.

Refira-se que as restantes freguesias do actual concelho, dispersavam-se pelos concelhos de Guimarães e Celorico de Basto, impondo-se ainda uma honra, a de Cepães.

Sobre a *homrra de Capeãos* (ou *Cepaes*) que fica entre *Montelomgo e Guimaraes e Felgueiras*, descreve Álvaro Vaz: *Esta homrra he de Ruy Telez e tem civil e cryme jaz antre Montelomguo e o termo de Guymaraes e o de Ceeloryquo de Basto tem de termo quarto de mea lleguoa e os moradores delle vyvem apartados per casas e loguares quorenta cinco moradores nua freguesia.*

Somam todos, 45 moradores.

Item Mais mançebos solteiros de 18 ate trinta annos, 30 mançebos.¹⁰

As freguesias e lugares que actualmente pertencem ao concelho de Fafe e que em 1527 faziam parte de outros concelhos eram os seguintes (indica-se depois o respectivo número de moradores):

Santa Ovaya dArnossellla, 18
Santa Marinha dArdeguam, 16
Sam Martinho de Ceydoes, 30
Santo Estevõ das Reguadas, 36

(concelho de Celorico de Basto)

Sam Pedro de Freitas, 48
Sam Pedro de Queymadela, 58
Sam Myguel do Monte, 43
Fareja, 45
Fellgueiras, he mea freguesia Sam Vicemte, 7
Santa Ovaya de Guomtim, 18
Sam Gião de Cerafão, 76
Agrella, 11
Sam Romão dAroes, 44
Santa Crestinha dAroes, 22
Travaços, 51
Sam Vicemte de Paços, 58

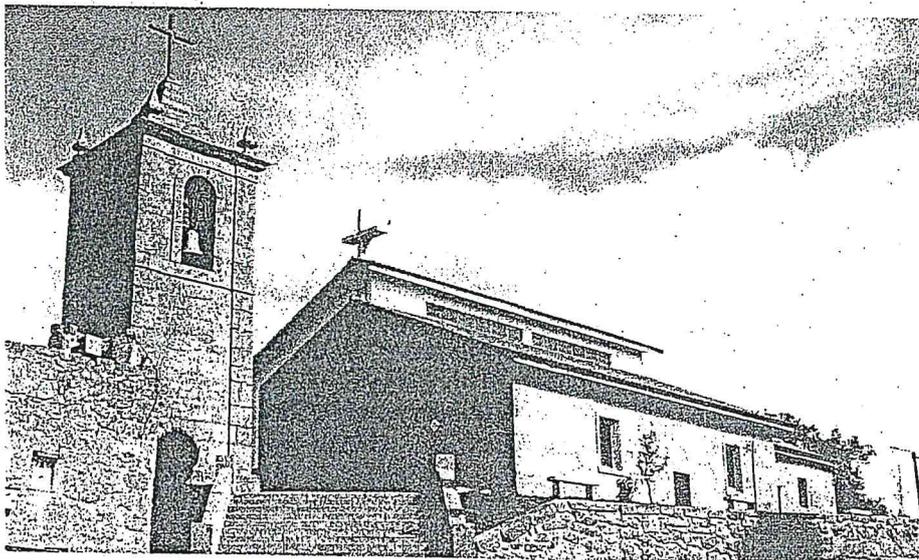
1527

Numeramento
 janeiro

¹⁰ FREIRE, A. Braamcamp, op. cit., p. 257.

PACOS (S. VICENTE)

I.A.N./ T.T. – Memórias Paroquiais
Vol. 42, memória 269, fol. 127



Pacos, hé aldea e parochia do termo da villa Guimaraes na commarca do mesmo nome; o seo povo consta de 123 fogos, com 32 almas de communhão, na matriz dedicada a Sam Vicente.

O parochio hé Abbade apresentado pela Mitra de Braga e tem de congrua 430\$ réis.

Referências documentais do A.D.B./U.M.:

- Tombo desta Igreja:
1548, caixa 245, nº 19.
1592, Liv. 6, fol. 89.
- Prazo do casal do Assento:
- 1660, Liv. 181, fol. 273.
- 1766, Liv. 64, fol. 180.
- Prazo de metade do casal de Fundevila, foreiro à Igreja de Gualtãr:
1660, Liv. 35, fol. 239 v.
1694, Liv. 22, fol. 264 v.
1774, Liv. 140, fol. 189.
- Prazo do casal da Pedra, 1728, Liv. 47, fol. 267 v.
- Prazo do casal de Fundevila, foreiro a Gualtãr, 1728, Liv. 47, fol. 26.
- Prazo de meio casal da Pedra:
1660, Liv. 35, fol. 236.
1774, Liv. 140, fol. 204
- Prazo de metade do casal de Aldar, 1597, Liv. 7, fol. 80.
- Obrigação à fábrica do Santíssimo Sacramento, 1704, Liv. 19, fol. 52 v.
- Obrigação à ermida de S. Sebastião, 1597, Liv. 7, fol. 114.

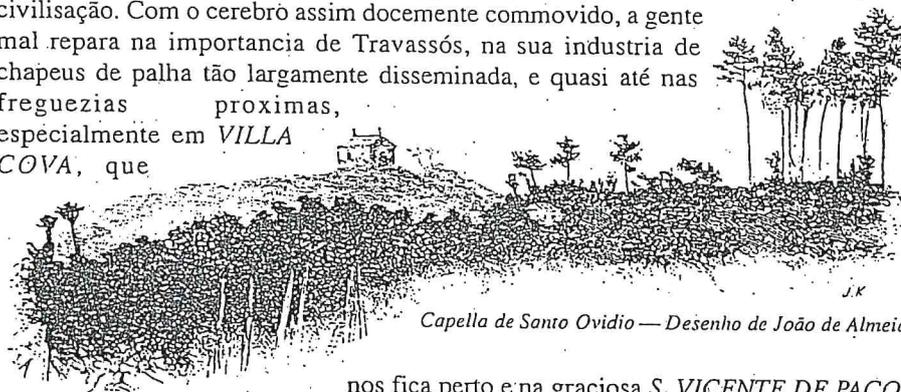
Memórias Paroquiais,

1758

Travaços, contemporaneo de D. Sancho I e D. Affonso II; senão para isto, ao menos para te fazer a historia d'um testamento, cujo legatario, d'esta freguezia natural, deixou ahi o seu nome gravado nas letras do ouro mais indelevel, que jamais a prosperidade esquece. Foi em 1874 que falleceu em Lisboa Antonio Joaquim Vieira Montenegro, natural d'este concelho e freguezia, negociante no Rio de Janeiro, onde o seu testamento foi aberto. D'entre os legados que ahi se encontram avultam, entre outros, os seguintes: 2:000\$000 réis para o hospital de Fafe, 14:000\$000 réis á camara municipal para mandar construir um asylo para meninas pobres do concelho, e 7:000\$000 réis para edificar em Travassós uma casa para escola do sexo masculino.

Se no mundo d'além tumulo podera sorrir esta alma, como seria de infinito prazer o seu sorriso ao sentir chegar até si o côro abençoado, que n'esta alegre estação, aberta á locomotiva do futuro, soltam os pequenos operarios na soletração do *a b c*.

Que o exemplo fructifique e o espirito dos que podem, se inunde d'estes momentos de immaculada alegria, tal foi o desejo expresso em nossa alma, quando avistámos essa casa côr de rosa, enféstoadade de trepadeiras, onde o nome de um benemerito luz, como estrella inextinguivel, na formosa via lactea da civilisação. Com o cerebro assim docemente commovido, a gente mal repara na importancia de Travassós, na sua industria de chapéus de palha tão largamente disseminada, e quasi até nas freguezias proximas, especialmente em *VILLA COVA*, que



Capella de Santo Ovidio — Desenho de João de Almeida

nos fica perto e na graciosa *S. VICENTE DE PAÇOS*, cujo campânario mal se divisa na colina fronteira, assoberbado pela vegetação que o rodeia.

Em Paços está a casa do Ermo, de que foi fundador o capitão de Málta e abastado proprietario Rozendo Lopes, pae dos Vieiras de Castro, que tanto se nobilitaram nas campanhas da liberdade, sendo Antonio ministro m 1836, José tenente de voluntarios durante o cêrco do Porto e Luiz desembargador da Relação, depois de haver pertencido ao batalhão academico. Este ultimo era o pae do desditoso Vieira de Castro, esse formosissimo talento, que a morte roubou depois de ter sido antes apunhalado pelo infortunio.

Estamos chegando á villa e *FORNELLOS* quasi nos esquecia! A culpa é d'ella tambem, que não sabe fazer fallar de si e que nem ao menos tem a amabilidade de vir *poser* diante do viajante, que percorre a estrada que vem de Travassós.

E eis-nos outra vez no Hotel da Vista Alegre, onde nos resolvemos a não descansar senão o tempo preciso para beber um copo de vinho e provar o pão de ló de Fafe.

Henri de Huesar,
Jri... ..

1886

ha tregu
estas ru
suas vi
em fest
uma gr
folgasã
pois se
quaes,
Sarme
pompos

signal c
o Vizel
se entr
vallesit
vamos
outra v
paredes
cujo er
passan
lamente
antigan
ordinar
O leitor
quem e
o *menh*
Pereira
o vigar
da freg
o cond
Affonso
compr
Henriq
Avizelle

foram também
e o são ainda
Coimbra, e a do

briosós e valen-
frei Gonçalo de
Coimbra—e frei
general das ar-
andador de diffe-

foi matriz da vil-
dizer-se missa

o.
rtnho, seu pa-

o sr. Antonio
galhães, natural
pendurada, não
a familia.

ção de Maga-
e maio de 1854,
simo titulo, a 24
70.

nto a Braga, e
esta cidade.

obre e muito
D. Maria Candi-
squita, que, ca-
e Vasconcellos
im, se uniu es-
Cabeceiras de

Paço de Souza.)
ssa Senhora das
200 metros de

entes da illus-
cidade, em uma
onio Pereira do

amilias de Bra-

he costuma fa-
sempre muito

enhora, era de

Moura Telles,

prohibiu na sua archidiocese as imagens de
roca, para se evitarem indecencias, quando
se despiam e vestiam; pelo que se fez então
uma imagem esculpida em madeira, e é a
que ainda existe.

As armas dos Lagos, senhores d'esta quin-
ta—são—em campo de púrpura, uma torre
de prata, sobre um lago, com tres peixes,
nascentes, e sobre a torre, uma donzella ves-
tida d'azul, acompanhada de tres flores de
liz, d'ouro.

Timbre, a donzella das armas, com uma
das flores de liz d'ellas, na mão direita.

PAÇOS—freguezia, Minho, comarca e con-
celho de Melgaço (foi do mesmo concelho,
mas da comarca de Monção) 70 kilometros
ao N.O. de Braga, 425 ao N. de Lisboa.

Tem 160 fogos.

Em 1757 tinha 180 fogos.

Orago, Santa Maria (Nossa Senhora da As-
sumpção.)

Arcebispado de Braga, districto adminis-
trativo de Vianna.

A mitra apresentava o reitor, collado, que
tinha 180,000 réis de rendimento.

Clima excessivo, mas saudavel.

É pouco fertil em cereaes, mas cria mui-
to gado, e nos seus montes ha grande abun-
dancia de caça.

PAÇOS — freguezia, Minho, concelho, co-
marca, districto administrativo, arcebispado
e 5 kilometros de Braga, 365 ao N. de Lis-
boa, 100 fogos.

Em 1757 tinha 79 fogos.

Orago, S. Julião.

A mitra apresentava o abbade, que tinha
240,000 réis de rendimento.

É uma das mais antigas freguezias do Mi-
nho.—Foi villa. Fica abaixo do monte anti-
gamente chamado *Bastucio*, ou *Bastuco*, na
encosta, para o lado do rio *Laviorio* dos an-
tigos.

Aqui teve diversas fazendas, Affonso Nan-
tes Mires, das quaes deixou uma á Sé de
Braga, em 1073.

D. Adozinda, mulher de Mendo Sijniz, op-
pôz-se a esta doação e teve demanda com S.
Geraldo, então arcebispo: por fim, compoze-
ram-se, em 1106.

É terra muito fertil. Vide *Braga*.

—freguezia, Minho, comarca de
Ceorico de Basto, concelho de Cabeceiras
de Basto, 40 kilometros a N.E. de Braga,
365 ao N. de Lisboa, 90 fogos.

Em 1757 tinha 77 fogos.

Orago, S. Sebastião, martyr.

Arcebispado e districto administrativo de
Braga.

O abbade de S. Clemente, de Basto, apre-
sentava o vigario, que tinha 60,000 réis de
congrua e o pé de altar.

É terra fertil. Cria muito gado, e nos seus
montes ha muita caça.

PAÇOS—freguezia, Minho, comarca e con-
celho de Fafe, 18 kilometros ao N.E. de Bra-
ga, 360 ao N. de Lisboa, 120 fogos.

Em 1757 tinha 79 fogos.

Orago, S. Vicente, martyr.

Arcebispado e districto administrativo de
Braga.

A mitra apresentava o abbade, que tinha
430,000 réis de rendimento.

É terra fertil. Muito gado.

N'esta freguezia está a casa do *Ermo*.

N'esta casa nasceram Antonio Manuel Lo-
pes Vieira de Castro, ministro em 1836. —
José Lopes Vieira de Castro, tenente de vo-
luntarios liberaes, durante o cerco do Porto
(1832 a 1834). Foi um militar valente.—Luiz
Lopes Vieira de Castro, desembargador da
relação do Porto. Era tambem liberal, e foi
do batalhão academico durante a guerra ci-
vil, que terminou pela convenção d'Evora-
Monte. D'este era filho primogenito, o ba-
charel José Cardozo Vieira de Castro, o in-
feliz mancebo de que fallo a pag. 132, col.
1.ª e 2.ª, do 3.º volume.

Da casa do *Ermo*, foi fundador Rozen-
do Lopes, proprietario abastado e de uma
respeitavel familia. Era capitão de Malta, o
pae de Antonio, José e Luiz Lopes Vieira de
Castro.

A freguezia tem sido ha muitos annos pa-
rochiada por parentes consanguineos d'esta
familia.

PAÇOS — freguezia, Traz-os-Montes, co-

¹ O visconde d'Almeida Garrett, escreveu
a biographia d'este homem de estado.

Portugal Antigo e Moderno,
Luz de Leão, vol. 1.º, 1875

